



“Perto do céu... numa nave espacial”: reforma devocional e turismo religioso no Santuário do Lima (Patu-RN, 1936-1979)

"Near the sky ... in a spaceship": devotional reform and religious tourism in the Sanctuary of Lima (Patu-RN, 1936-1979)

Magno Francisco de Jesus Santos*

Resumo

O Santuário do Lima é o mais antigo centro de romaria do Rio Grande do Norte. Edificada no dia 29 de janeiro de 1758, a pequena ermida devotada a Nossa Senhora dos Impossíveis, no alto da Serra do Lima, em Patu, tornou-se um importante ponto de convergência de romeiros. A partir de 1921, o santuário foi entregue aos Missionários da Sagrada Família, vindos da Holanda e que se responsabilizaram pela reestruturação do santuário e pela orientação das práticas devocionais. O propósito deste artigo é compreender as ações de reforma devocional e os usos do Santuário do Lima como um atrativo turístico. A partir dos registros publicados em jornais católicos e leigos, foi realizada a análise da construção de representações sobre o espaço religioso no âmbito da Diocese de Mossoró e do poder público estadual. Com isso, percebe-se a confluência entre as orientações das práticas devocionais das camadas populares e a edificação de um discurso imagético como atrativo para turistas e romeiros.

Palavras-chave: Santuário do Lima, turismo religioso, reforma devocional.

Abstract

The Sanctuary of Lima is the oldest pilgrimage center of Rio Grande do Norte. Built on January 29, 1758, the little hermitage dedicated to Our Lady of the Impossible, on the top of the Lima Mountain, in Patu, became an important point of convergence for pilgrims. From 1921 onwards, the sanctuary was handed over to the Holy Family Missionaries from the Netherlands who took responsibility for the restructuring of the sanctuary and for the guidance of devotional practices. The purpose of this article is to understand the actions of devotional reform and the uses of the Sanctuary of Lima as a tourist attraction. From the records published in Catholic and lay newspapers, the analysis of the construction of representations about the religious space in the scope of the Diocese of Mossoró and the state public power was carried out. With this, one can perceive the confluence between the orientations of the devotional practices of the popular layers and the construction of an imagery discourse as attractive for tourists and pilgrims.

Keywords: Sanctuary of Lima, religious tourism, devotional reform.

Artigo submetido em 16 de fevereiro de 2018 e aprovado em 27 de abril de 2018.

* Doutor em História pela UFF e Professor Adjunto do Departamento de História e dos Programas de Pós-Graduação em História e Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. País de origem: Brasil. E-mail: magnohistoria@gmail.com

Introdução

O Padre Domingos de Sá, msf, é reitor do santuário Nossa Senhora dos Impossíveis,
 ... a ladeira ...
 ... o Santuário ...
 ... o pórtico ...
 ... para os romeiros e turistas que chegam ...
 ... ele faz de tudo... e até recebe um por um ... dialoga ... diz como está o andamento das obras ... fala da Pousada que foi implementada e colocada em funcionamento depois que ele chegou no Lima ...
 ... admira e ama o lugar que escolheu para morar e trabalhar ...perto do céu ... numa "nave espacial" em cima de uma serra potiguar ... lá longe ... bem pertinho do seu coração ... (FORTE, 2011).

A epígrafe deste texto elucida o elo entre o mais antigo santuário do Rio Grande do Norte e a presença dos religiosos Missionários da Sagrada Família. O Santuário do Lima, forma pela qual é conhecida a Igreja de Nossa Senhora dos Impossíveis, em Patu, no oeste potiguar, é apresentado a partir do itinerário trilhado por seu reitor. Como um cicerone, o padre direciona o olhar do visitante. Expressa as belezas do santuário. Revela os atrativos e a renovação do espaço. Elucida, acima de tudo, as singularidades do espaço sagrado, bem como demonstra as potencialidades de usos desse espaço por romeiros e turistas.

Desse modo, o Santuário do Lima foi apresentado como um espaço qualitativamente diferenciado. Primeiramente, marcado pela distância de importantes centros urbanos, como Natal e Mossoró. Para se chegar ao santuário seria necessário trilhar um longo caminho, por vezes marcado por sacrifícios ou como salienta Arnold van Gennep, como “ritos de purificação na passagem do impuro para o puro” (GENNEP, 2011, p. 36). Seria necessário elevar-se, subir a Serra do Lima, “chegar perto do céu”, bem distante do mundo que ficou para trás. E no alto da Serra do Lima, o rito final, com a passagem pelo pórtico, no qual vê-se assim o caráter sagrado localizar-se não somente no limiar, sendo igualmente

sagrados os lintéis e a arquitrave (GENNEP, 2011, p. 36). Trata-se de um espaço privilegiado, elevado, sagrado.

Contudo, a assertiva também elucida uma profusão de possibilidades de usos do espaço sagrado. O Santuário do Lima emerge como o vínculo que une espacialmente os homens ao sagrado, assim como também potencializa o desenvolvimento de atividades turísticas.¹ Essa reinvenção identitária do espaço sagrado como lócus da deambulação de romeiros e turistas reflete as ações gestadas pelo clero e pelo poder público na reformulação do Santuário do Lima. O período posterior a chegada dos Missionários da Sagrada Família na ermida de Nossa Senhora dos Impossíveis inaugurou ações que buscavam reorientar as práticas devocionais dos romeiros e, posteriormente, passou a alicerçar o fomento ao turismo em terras potiguares.

Essa leitura, na qual o espaço sagrado imbrica-se entre as reivindicações da presença de romeiros e turistas, expressa a confluência de diferentes representações atinentes ao espaço, gestadas em momentos distintos. Assim, o santuário tornou-se o foco de ações oriundas tanto do poder eclesiástico, com as ações de reformas devocionais provenientes das dioceses de Natal e Mossoró, iniciadas nos idos de 1921; quanto do poder civil, com as propostas de implementação do turismo a partir da década de 70 do século XX. Atualmente, turismo religioso e romaria são apresentados pelos reitores do santuário como ações integradas ou complementares. Contudo, ao longo do período marcado pela presença dos Missionários da Sagrada Família no santuário, essa confluência nem sempre se mostrou estável, assim como os seus diferentes agentes.

Diante disso, torna-se salutar pensar acerca do processo de construção dos diferentes discursos atinentes ao espaço sagrado no âmbito do Santuário do Lima, com ênfase para a questão da reforma devocional, empreendida pelos religiosos

¹ De acordo com Edin Sued Abumanssur (2003, p. 54), “o turismo religioso, como discurso, tende a desconsiderar as motivações religiosas para a viagem e se concentrar no fenômeno do deslocamento e, mais especificamente, na necessidade que esse deslocamento traz em termos de estrutura de transporte, hospedagem e alimentação”.

estrangeiros que atuaram no santuário e as ações voltadas para a edificação de uma leitura na qual o santuário fosse visto como um atrativo turístico. Afinal, quais seriam os sujeitos envolvidos no processo de invenção dessas diferentes concepções atreladas ao santuário? Quais eram os atores vistos como romeiros e turistas? E, finalmente, quais seriam as aproximações e os distanciamentos entre as duas propostas?

Essas questões podem ajudar a elucidar as possíveis fissuras no processo de reinvenção do espaço sagrado no santuário, a partir dos conflitos e negociações entre os seus diferentes agentes. O propósito deste artigo é compreender as ações de reforma devocional e os usos do Santuário do Lima como um atrativo turístico. A análise teve como fonte os registros documentais publicados em jornais católicos e leigos, atinentes ao santuário, nos quais se tornou possível entender os diferentes usos e concepções atinentes ao espaço sagrado, especialmente no âmbito da Diocese de Mossoró e do poder público estadual.

O texto foi dividido em três momentos. O primeiro situa o Santuário do Lima no âmbito dos principais centros de romarias no Rio Grande do Norte, tanto em relação aos santuários canonicamente reconhecidos, como nos casos de grandes celebrações de padroeiros. O segundo momento tem como foco a atuação dos Missionários da Sagrada Família no processo de reforma devocional católica com a reformulação das práticas devocionais das camadas populares e a transformação da ermida em centro de peregrinações da Diocese de Mossoró. Por fim, no terceiro momento, destaca-se a construção do novo templo e a difusão do espaço sagrado como atrativo turístico.

1 Os santuários católicos no Rio Grande do Norte

O cenário devocional do Rio Grande do Norte, ao longo do século XX, tornou-se uma complexa rede de pequenos santuários, ou em consonância com a tipologia

pensada por Maria Cecília França, acerca dos santuários paulistas, de “pequenos centros de função religiosa” (FRANÇA, 1975). Do litoral ao sertão, é possível encontrar uma pluralidade de espaços de devoção, como santas cruzes de estradas e túmulos de santos não canonizados,² bem como pequenos centros de romarias. São lugares que, de acordo com acepção de Aleida Assmann, se tornam a “zona de contato entre Deus e o homem” (ASSMANN, 2011, p. 322).

Esses lugares sagrados, em muitos casos, chegam a constituir as hierópolis, ou seja, cidades santuários que são “centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço” (ROSENDAHL, 2009, p. 26). As hierópolis potiguares podem ser caracterizadas como cidades-santuários de fluxo periódico, na qual “a prática religiosa implica a ida em certas ocasiões, geralmente uma ou duas vezes por ano, coincidindo com os dias de festividades” (ROSENDAHL, 2009, p. 26-27). As cidades estruturam-se nas proximidades dos santuários, galgando uma maior dinamicidade em tempos de festas. Desse modo, a cada fluxo concentrado de romeiros, “a vida urbana é recriada nas cidades-santuários” (ROSENDAHL, 2009, p. 28). Os centros de romarias do Rio Grande do Norte estão localizados em praticamente todas as regiões do estado, conforme pode ser observado na figura 1.

² Neste artigo não incluir os santuários devotados a santos não-canônicos. Sobre essa questão podem ser consultados os trabalhos de Lourival Andrade Júnior (2015), Eliane Tânia Martins de Freitas (2006), Lílian Alves Gomes (2017) e Irene de Araújo van den Berg Silva (2010).

Figura 1: Mapa do Rio Grande do Norte com a indicação dos centros de romarias



Fonte: Dados da pesquisa

Os centros de romarias indicados no mapa explicitam como o Rio Grande do Norte é constitui um território sagrado fragmentado e polimórfico, com santuários dispersos. Apesar das similaridades, os santuários do Rio Grande do Norte não podem ser vistos como espaços sagrados homogêneos. Pelo contrário, são marcados pela polifonia das devoções, dos períodos de celebrações, das experiências romeiras e até mesmo da topografia dos santuários. Essa complexidade de atributos foi explicitada pelo jornalista José Luiz Silva, em um artigo publicado no impresso O Poti, ao comparar a festa de Sant'Ana de Caicó aos principais santuários potiguares:

Juazeiro é uma cidade mística. Impossível não sentir nas suas ruas o compasso da fé.
Jerusalém também. Estive lá durante seis meses. Cada pedra de Jerusalém significa um arremesso na alma da História.
Curioso. Nova Jerusalém não dá a Caruaru a menor conotação de mistério. É uma cidade marcadamente comercial.
Caicó talvez seja a única cidade do Rio Grande do Norte caracteristicamente mística.
Por que Caicó e não Patu, com a Serra do Lima invocando Nossa Senhora dos Impossíveis?
Por que Caicó e não Carnaúba dos Dantas criando um Nova Paixão no Monte do Galo?
Por que Caicó e não Touros, cuja Festa do Bom Jesus se transforma na procissão de todo o litoral Norte?
Por que Caicó e não Natal, cujo nome deveria transportar à cidade, a força da nova economia da Redenção?
O caráter místico de Caicó tem raízes na história de sua colonização e catequese. E mais recentemente, quais bispos pastorearam Caicó? Dom Delgado e Dom Tavares estão vivos. E o que fazem eles? Dedicção exclusiva à catequese, agora itinerante.
A própria fisionomia de Dom Adelino não possuía a marca do asceta?
(...) Perto de Bethfagé (de Caicó) estão o Centro Pastoral, O Mosteiro das Clarissas e o Seminário. É uma espécie de *bairro da fé*. Aqui, o itinerário de Deus é percorrido no silêncio e na solidão (SILVA, 1984, p. 27).

O artigo de José Luiz Silva explicita a compreensão de santuário a partir dos parâmetros difundidos na reforma devocional, gestada a partir das figuras individuais dos bispos e das expressões individuais e silenciosas de fé. A grandiloquência de Caicó diante das demais cidades era decorrente da presença pastoral dos prelados e das manifestações devocionais regidas dentro dos cânones católicos. O texto enaltecendo de Caicó revela um estado permeado de centros de romarias diferenciados, com características específicas. Diante disso, tornou-se necessário classificá-los, no intuito de propiciar a inteligibilidade dos espaços de devoção. Os centros de romarias potiguares foram divididos em quatro grupos: o de festas de padroeiros, de devoção águas, dos mártires e das acrópoles sagradas.

O primeiro grupo é mais polimórfico, pois aglutina espaços devocionais que se caracterizam pela presença de devotos quase que exclusivamente no momento das celebrações dos patronos. Todavia, tais festividades são marcadas pelo elevado contingente de devotos e não raramente, pagadores de promessas. Esses centros de devoção estão localizados nos três principais núcleos urbanos do estado: Natal, com as celebrações de Nossa Senhora da Apresentação (21 de novembro) e dos

Santos Reis (6 de janeiro); Mossoró, com a festa de Santa Luzia (13 de dezembro) e Caicó, com a festa de Santana (26 de julho), celebração registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como patrimônio imaterial.³

Essas festas de padroeiros estão entre as celebrações com maior poder de aglomeração de devotos em todo o estado, reunindo aproximadamente cem mil pessoas. Outra característica dessas celebrações é a forte presença eclesial, tendo-se em vista que se localizam nas sedes das dioceses de Mossoró e Caicó e da Arquidiocese de Natal. Com isso, as celebrações se caracterizam por um maior predomínio da ortodoxia católica em relação aos demais centros de romaria. No caso da festa de Nossa Senhora da Apresentação, padroeira de Natal, destaca-se a rememoração da hierofania, ou, como elucida Mircea Eliade, “o tempo de origem de uma realidade, quer dizer, o tempo fundado pela primeira aparição desta realidade (...); é por esta razão que o homem se esforça para reatualizá-lo periodicamente mediante rituais apropriados” (ELIADE, 2001, p. 76). Assim, as festividades do dia 21 de novembro iniciam com uma celebração litúrgica às margens do Rio Potengi, na “Pedra do Rosário”, onde a imagem teria sido encontrada milagrosamente por pescadores no dia 21 de novembro de 1753.⁴ Trata-se, portanto, de um espaço qualitativamente diferente, no qual o sagrado teria manifestado a sua intenção em permanecer no lugar.

O segundo grupo reúne centros de romarias localizados no litoral norte-rio-grandense. São templos e celebrações devotadas aos santos marítimos, patronos dos pescadores, com ênfase para Nossa Senhora dos Navegantes (Areia Branca, Macau e a praia da Redinha, em Natal) e do Bom Jesus dos Navegantes (em Touros). Essas celebrações têm como cerne às águas dos rios e do mar, com ênfase para a presença de segmentos populares, especialmente os pescadores. Além das festas listadas, também é possível encontrar procissões devotadas a Nossa Senhora

³ A Festa de Santana de Caicó foi registrada no Livro de Celebrações no dia 10 de agosto de 2010 (SILVINO, 2012; PEREIRA, 2011).

⁴ Por esse motivo Nossa Senhora da Apresentação é tida na Arquidiocese de Natal como uma aparição mariana, um milagre no qual a Virgem teria escolhido o espaço urbano para proteger (ARAÚJO, 2016, p. 69).

dos Navegantes em inúmeras comunidades ribeirinhas e do litoral. Trata-se de uma devoção replicada nos distritos do Rio Grande do Norte.

No âmbito do calendário festivo, destacam-se dois períodos centrais. O primeiro centra-se em janeiro, com a grande festa de Bom Jesus dos navegantes em Touros, considerada uma das maiores manifestações de fé do estado, com a reunião de aproximadamente trinta mil pessoas e no segundo domingo de janeiro, com a procissão fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes da Redinha em Natal. O segundo período festivo remete ao dia 15 de agosto, dia dedicado a Assunção da Virgem, quando ocorrem as procissões marítimas de Nossa Senhora dos Navegantes em Macau e Areia Branca.

As celebrações são marcadas pela forte presença de manifestações devocionais das camadas populares, como o pagamento de promessas. Em consonância com a interpretação de Pierre Sanchis acerca das romarias, a promessa, assim como a festa parece caracterizar a devoção popular (SANCHIS, 1983, p. 47). Em Touros, é grande o número de promesseiros vestidos em hábitos vermelhos, carregando objetos sobre as cabeças (LIMA JÚNIOR, 2011, p. 184). Nos dias de festa, a retirada da imagem do Bom Jesus dos Navegantes do altar, no dia primeiro e a sua entronização,⁵ no dia seguinte, é o ápice das celebrações. Ainda em relação à imagem, ressalta-se a sua origem mística, na qual teria “sido encontrada por pescadores que demandavam o mar, como então era costume, logo que os galos amiudavam” (PATRIOTA, 2000, p. 245). Essa aparição da imagem seria um sinal da escolha do Bom Jesus pelo espaço sagrado, pois “a hierofania revela um ‘ponto fixo’ absoluto, um ‘centro’” (ELIADE, 2001, p. 26).

Outra questão relevante é em relação à capela de Nossa Senhora dos Navegantes da cidade de Areia Branca, que desde 1978, encontra-se sob a

⁵ Esse ritual de entronização da imagem é conhecido na cidade como “Descida e Subida do Bom Jesus” e reúne um elevado número de devotos que tentam tocar na imagem. O Bom Jesus é retirado do Madeiro do altar e transportado por alguns homens para o barco-andor, diante do clamor dos romeiros. Rituais similares de entronização da imagem ocorrem na festa do Senhor do Bonfim, em Icó, Ceará, e na festa do Senhor dos Passos na Ilha homônima, na Bahia (SANTOS, 2018).

administração da Congregação Salesiana, vindos da Inspeção de Verona, na Itália. Desse modo, os santuários de Areia Branca e Patu são os únicos do Rio Grande do Norte que não são administrados eclesiasticamente pelo clero secular e que contam com a presença de religiosos estrangeiros.

O terceiro grupo de santuários do Rio Grande do Norte é o mais recente e contempla os “Protomártires do Brasil” ou “Mártires de Cunhaú e Uruaçu”. Ao todo são três santuários, localizados em Natal (Santuário dos Mártires) e nos dois lugares de martírio: Capela Nossa Senhora das Candeias do Engenho Cunhaú, em Canguaretama e o Santuário de Uruaçu, em São Gonçalo do Amarante. A principal celebração ocorre no dia três de outubro, com a romaria para o santuário de São Gonçalo do Amarante. Esse santuário foi criado após a beatificação (2000) e é um dos espaços devocionais do estado com maior crescimento, principalmente após a canonização dos mártires celebrada em 2017.

O último grupo de santuários potiguares é constituído pelas acrópoles sagradas, ou seja, por santuários localizados em elevações da região do semiárido. São as montanhas sagradas, “um *Axis mundi* que liga a Terra ao Céu, ela toca de algum modo o Céu e marca o ponto mais alto do mundo” (ELIADE, 2001, p. 39). Esses santuários potiguares localizados em montanhas cósmicas são o do Monte do Galo (Nossa Senhora das Vitórias, em Carnaúba dos Dantas), Nossa Senhora das Graças ou Santa Menina (Florânia), Santa Rita de Cássia (Santa Cruz) e Nossa Senhora dos Impossíveis (Patu).

Um elemento comum em todos esses santuários é o caminho que liga a urbe ao território do sagrado, com a presença de monumentos com pinturas que rememoram as estações da Via Sacra. Trata-se de um estímulo a contemplação e ao sacrifício, levando oromeiro a cumprir suas promessas e “purificar-se” antes de cruzar o pórtico de entrada do santuário. Essa travessia entre a cidade e o santuário, entre o mundo e o cosmo, incluiu o pagamento de promessas, com o depósito de ex-votos. Nos quatro santuários listados existem as salas dos milagres,

onde os romeiros passam para deixar o seu testemunho do milagre ou para contemplar o poder miraculoso do santo comprovado pelo número de objetos que constituem o acervo. De acordo com Isabel Dantas, o santuário “é o palco em que se encenam as trocas simbólicas, que incluem o sacrifício corporal e de outros bens materiais; entre outros, os ex-votos, que, no início das peregrinações ao santuário, quando ainda não existia o ‘Quarto dos Milagres’” (DANTAS, 2008, p. 63-64).

Além disso, ao contrário do que ocorre em outras hierópolis do estado, nos quais a concentração de romeiros ocorre uma única vez ao longo do ano, as romarias das acrópoles sagradas ocorrem duas ou três vezes ao ano, com a reunião de romeiros de cidades vizinhas e dos estados da Paraíba e Ceará. O Santuário de Nossa Senhora das Vitórias no Monte do Galo, em Carnaúba dos Dantas, foi criado em 1928 (DANTAS, 2008) e tem como eixo central três romarias: Nossa Senhora das Vitórias (24 de outubro), Santa Luzia e São Bento (13 de dezembro) e a da Paixão de Cristo (Semana Santa).

O Santuário de Nossa Senhora das Graças ou da Santa Menina, em Florânia, foi criado em 1948, ocasião na qual um frade capuchinho tinha sonhado com o corpo de uma santa em uma serra em cruz e ao chegar em Florânia teria encontrado o corpo incorrupto de uma menina (SILVA, 2010). Certamente, esse é o santuário potiguar de maior tensão entre as orientações eclesiais e a memória devocional das camadas populares, em decorrência da ação da Diocese de Caicó no processo de silenciamento da memória sobre a “Santa Menina” e a substituição pela devoção a Nossa Senhora das Graças.

O Santuário de Santa Rita de Cássia, na cidade de Santa Cruz, fundado em 2010, é o mais recente espaço de devoção criado no Rio Grande do Norte. O mesmo emergiu a partir da iniciativa do poder público estadual, com um projeto que construiu uma imagem de Santa Rita na parte mais alta da cidade (FARIAS, 2013; ROMÃO júnior, 2012). O santuário possuiu uma estrutura moderna que busca atender às demandas do turismo religioso e o santuário vem se tornando um dos principais espaços devocionais do estado, principalmente nas romarias (Romaria

de Santa Rita, 22 de maio; Romaria da Gratidão, 12 de outubro; Romaria Eucarística, 22 de abril e romarias da Coroa de Santa Rita, todo dia 22).

O Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis é o mais antigo centro de romaria do Rio Grande do Norte e possui duas grandes romarias: a da padroeira, realizada no dia 21 de novembro e a de Ano Novo, efetivada no dia primeiro de janeiro. Ao longo do século XX, a acrópole sagrada passou importantes ações de reestruturação, com a construção de estradas, casa dos romeiros, novo santuário e casa dos milagres. Essas ações estavam coadunadas com a proposta de reforma devocional empreendida pelos Missionários da Sagrada Família e com o apoio do estado.

2 Os Missionários da Sagrada Família e a reforma devocional

O Santuário do Lima é considerado o mais antigo centro de romaria do Rio Grande do Norte. A devoção teve início com a construção de uma pequena capela devotada a Nossa Senhora dos Impossíveis, nos idos de 1758, pelo casal Antônio de Lima e Abreu Ferreira e Paula Moreira Brito Pessoa. Em decorrência dos fundadores da ermida, a localidade ficou conhecida como Serra do Lima e, paulatinamente, tornou-se um espaço aglutinador de romeiros, conhecido pelas práticas de sacrifícios. Um sinal disso é o texto de caráter anedótico publicado no *Jornal Liberdade* no dia 11 de outubro de 1888. No artigo “Romaria d’um Hércules” o santuário foi apresentado como o espaço de pagamentos de promessas:

O Sr. Hércules Pindahyra de Carvalho, digno mano de sua ex. Revm. O sr. Padre João Manoel, vendo que o terreno político foge deste as léguas, propala aos quatro ventos, que subirá de joelhos a serra do Lima, afim de render graças a Nossa Senhora dos Impossíveis em sua capelinha alli erigida, no dia que tiver a certeza de que seu referido mano deixou a vida política!

Não dividamos que o sr Hércules tenha tão ardentes desejos de ver o mano fora de um theatro, onde tão baixo papel tem representado, uma vez que a tal sacrificio se impõe: o de fazer a ascensão e de joelhos, da serra do Lima, que é bastante elevada e de ladeiras íngremes.

Sem sermos previdentes garantimos ao sr. Hércules que o milagre está operado, e que portanto, se vá preparando para cumprir a sua romaria.

Há, porém uma pequena diferença, e que pouco ou nada influirá, e vem a ser: o padre não deixou a política, esta, sim, quem o deixou!
Imperatriz, 15 de setembro de 88.
P. A (LIBERDADE, 1888, p. 3).

O texto tem como temática a política norte-rio-grandense oitocentista, mas pode ser compreendido como um importante indício acerca do papel do Santuário do Lima como espaço de devoção e de práticas de sacrifícios no final do século XIX. Neste período, a ermida já recebia muitos romeiros que subiam a íngreme ladeira no intuito de cumprir os votos feitos a Nossa Senhora dos Impossíveis. A experiência dos romeiros reconhecia a ermida como um espaço sacralizado. Como atesta Rudolf Otto, “uma coisa é apenas acreditar no supra-sensorial; outra, também vivenciá-lo; uma coisa é ter ideias sobre o sagrado; outra, perceber e dar-se conta do sagrado como algo atuante, vigente, a se manifestar em sua atuação” (OTTO, 2007, p. 180).

Desde a fundação, a ermida de Nossa Senhora dos Impossíveis esteve sobre a administração de leigos, responsáveis pela manutenção do templo e pela organização das romarias, realizadas duas vezes no ano: no dia 21 de novembro, dia da padroeira, e primeiro de janeiro, data na qual o santuário recebia o maior número de devotos. Essa situação permaneceu até o ano de 1921, ocasião na qual o então bispo de Natal, Dom Antônio dos Santos Cabral, entregou a administração do santuário aos padres Missionários da Sagrada Família.⁶ Tratava-se de uma ação

⁶ A Congregação dos Missionários da Sagrada Família, msf, foi fundada em 1895, pelo padre francês João Berthier. A congregação teve como sede um quartel abandonado na cidade de Grave, na Holanda. O fundador da congregação nasceu em 1840, na cidade de Chatonnay e faleceu em 1908. Dois anos depois, o arcebispo do Pará, Dom Santino Maria da Silva Coutinho, convidou os religiosos para atuarem em sua arquidiocese e alguns padres formados por Berthier vieram para o Brasil. De acordo com Câmara Cascudo, “Muitos anos os Missionários da Sagrada Família estabelecidos na Igreja do Senhor do Bom Jesus das Dores eram chamados apenas ‘os padres da Ribeira’. Tinham vindo do Pará, primeiro ponto de trabalho no Brasil, desde 1910. Eram alemães, holandeses, poloneses, franceses. A congregação fora fundada por um padre francês, Pierre Jean Berthier. A Casamãe era na Holanda, em Grave. Os primeiros sacerdotes vindos para o Brasil tinham conhecido o próprio Fundador, morto a 16 de outubro de 1908. Vinham ainda quentes da forma que os fundira para o serviço de Deus, espalhados, como sementes, pelo Mundo! Chegaram a Natal em 1912. Eram três, dois alemães e um alsaciano. Don Joaquim, o bispo, mandou-os dirigir o Colégio Salesiano Santo Antônio. Fui aluno deles. Padre Henrique Paulsen, o diretor, Padre Emílio Burgard, o alsaciano padre José Scholl, o único que vive no Recife. Os outros dois voltaram para casa, a casa dos anjos, Paulsen em Natal, a 9 de fevereiro de 1923 e Burgars na Holanda, em Grave, a 1º de fevereiro de 1925” (CASCUDO, 1947, p. 1).

condizente com as práticas de reforma devocional católica⁷ vigentes no Brasil entre o final do século XIX e os primeiros decênios do século XX.

No caso do Santuário do Lima, a atuação dos religiosos europeus foi marcada por duas ações centrais: a primeira com a estruturação do espaço sagrado para a realização do culto e recepção de romeiros, com a construção de estradas ligando a cidade de Patu ao santuário, a edificação da casa dos romeiros, da sede dos padres e de um novo templo. A segunda ação desencadeou-se a partir de 1934, após a criação da Diocese de Mossoró, com a efetivação de inúmeras ações voltadas para o reordenamento das práticas devocionais da população diocesana, tendo como ênfase a realização de romarias para o santuário. Em 1921, a Congregação dos Missionários da Sagrada Família no Rio Grande do Norte era constituída por padres europeus, vindos da Holanda, Alemanha e Polônia.⁸

A presença dos religiosos no espaço sagrado foi marcada pela realização de obras estruturais visando adequar o santuário às demandas das romarias, por meio da construção de estradas, da casa dos romeiros, de uma sede para a Congregação da Sagrada Família, da sala dos milagres e de um novo santuário. Essas ações estavam coadunadas com o pensamento eclesiástico diocesano, em relação à reforma devocional católica, na qual as práticas devocionais das camadas populares erma vistas como alvo de reformas ou redirecionamento. Com isso, uma das primeiras ações da presença do clero estrangeiro no santuário a constituição de uma hierarquia, na qual os padres regiam as ações pastorais e dirimiam o controle dos leigos acerca das romarias. Para isso, foram criados o Apostolado da Oração,

⁷ A reforma devocional católica foi o processo marcado pela ação de bispos brasileiros no processo de reestruturação das práticas devocionais católicas no país, com ênfase para entrega dos centros de romarias para religiosos estrangeiros, convite para ordens femininas estrangeiras atuarem no ensino e orientação das práticas devocionais das camadas populares. Trata-se de um processo descontínuo e marcado por ações episcopais destoantes e muitas conflitantes, como a ação diante das irmandades, ordens terceiras e confrarias leigas (SANTOS, 2015).

⁸ O Santuário do Lima teve como reitores: Jorge Annakem, MSF (1921); José Schol, MSF (1922); Francisco Scholz, MSF (1926); Frederico Pastors, MSF (1936); Luiz Klur, MSF (1942); Henrique Hiffner, MSF (1946); Agostinho Bohlen, MSF (1947); Jacó Slee, MSF (1960); José Kruza, MSF (1968); Eurico Franke, MSF (1976); Silvano Schoemberg, MSF (1981); Tarcísio José Weber, MSF (1992); Francisco Carlos de Azevedo (1997); Pedro Alves Pinto, MSF (2002); Tarcísio José Weber (2006); Possídio Lopes dos Santos Neto (2006); Domingos de Sá Filho, MSF (2010) e Américo Leite de Sá Neto, MSF (2012).

reunindo as mulheres católicas da paróquia e a Conferência de São Vicente de Paulo, reunindo os homens. Um registro da explicitação da hierarquia religiosa no âmbito da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Patu foi publicado no Almanak Laemmert de 1926:

Religião

Matriz N. S. das Dores na villa de Patu:

Vigário: José Scholl, padre

Sachristão: Francisco de Assis Amorim

Capella da Serra do Lima

Vigário: José Scholl, padre

Sachristão: José Alves de Farias

Apostolado da Oração:

Presidente: Clorinda Petty Cortez

Vice-Presidente: Olívia Henrique de Almeida

Secretária: Maria Severina da Silva

Thesoureira: Maria Lima da Silva

Director local: José Scholl, padre (ALMANAK LAEMMERT, 1926, p. 1106).

Todavia, o processo de reforma devocional católica tornou-se mais sistemático a partir de 1936, com a criação da Diocese de Mossoró e a posse do primeiro bispo, Dom Jaime de Barros Câmara. O Santuário do Lima passou a ser visto como o espaço de formação presbítera e de orientação pastoral das camadas populares. Em outras palavras, o espaço sagrado tornava-se um território de luta contra as práticas que eram vistas como mazelas do catolicismo: o comunismo, as superstições, o protestantismo, o espiritismo e o laicismo. O jornal católico a Ordem, publicado pela Arquidiocese de Natal, no dia primeiro de maio de 1936 publicou na primeira página uma longa matéria acerca da chegada e posse do bispo da Diocese de Mossoró. No final da matéria havia um aviso que denotava a nova função que seria exercida pelo Santuário do Lima: “O próximo retiro do clero, que se realizará na residência dos padres da Sagrada Família, no Santuário do Lima, em Patu, será pregado pelo sr. Bispo” (A ORDEM, 1936, p. 1).

No mesmo ano, o impresso católico publicou uma matéria com a programação da festa de Nossa Senhora dos Impossíveis, destacando a tradição dos festejos, a presença dos romeiros e a programação religiosa com missas e presença da Eucaristia, elementos centrais no discurso reformista:

Patu

Festa de Nossa Senhora dos Impossíveis

A tradicional festa de Nossa Senhora dos Impossíveis, excelsa virgem, que é venerada na Serra do Lima, não só pelos habitantes desta paróquia como de outras paróquias distantes, será celebrada este ano como nos anteriores, de 18 a 21 de Novembro próximo vindouro. Às 8 horas do dia 18, a Imagem dos Impossíveis descerá em procissão a esta Villa, onde será celebrado na Matriz de Nossa Senhora das Dôres, nossa excelsa padroeira, um tríduo solenne, verificando-se na última noite animado leilão.

Na manhã do dia 21, às 7 horas, haverá Missa com comunhão geral. Depois de um intervalo de 30 minutos, organizar-se-á a procissão que percorrerá as principais ruas desta Villa, seguindo-se ao Santuário do Lima, onde haverá Missa cantada, sermão e mais solenidades religiosas.

Depois destas solenidades haverá leilão e logo após a Santa sahirá em procissão, encerrando-se com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Patu, 20 de Outubro de 1936 (A ORDEM, 1936, p. 2).

Com a presença dos padres europeus, o ápice das romarias não era mais a entrega dos ex-votos ou os cantos penitenciais, mas a presença eucarística. Toda a programação passava a ser permeada por celebrações de missas e o encerramento ocorria com a bênção do Santíssimo Sacramento. Além disso, após a criação da Diocese de Mossoró, o santuário e a paróquia passaram por novas reformas, além da construção de uma casa paroquial. Em entrevista publicada em *A Ordem*, o reitor do santuário, Frederico Pastors, discutiu sobre a importância do santuário e das ações pastorais, mas também discerniu sobre as dificuldades financeiras para a construção de novos espaços, ao afirmar que em relação ao movimento religioso “vamos fazendo o que é possível. Há muito entusiasmo no povo, mas é preciso notar que o meio é pequeno” (A ORDEM, 1937, p. 1).

O impresso católico, pertencente à Congregação Mariana, tornava-se o instrumento de construção da visibilidade das ações reformistas no Rio Grande do Norte, de vigilância das práticas devocionais por meio das descrições detalhadas das celebrações e uma arma catequética para os católicos. Ainda em 1937, publicou uma nota que revelava as suas filiações a Cairú, Júlio Maria e Jackson de Figueiredo e informava que “não era um simples jornal catholico, MAS É UM JORNAL CATHOLICO feito por ‘congregados marianos’, GENTE NOVA, que se

apresenta em nosso meio com o MESMO DESTEMOR DOS JESUÍTAS” (A ORDEM, 1937, p. 1). Era um espaço de renovação e instrumento de luta.

Todavia, nos anos subsequentes o Santuário se tornaria o epicentro das peregrinações oriundas de praticamente todas as paróquias da Diocese de Mossoró, congregando associações de leigos e o clero. No dia 14 de setembro de 1940, dia dedicado a Exaltação da Santa Cruz, a Liga Católica da cidade de Areia Branca, realizou uma peregrinação ao Santuário do Lima, reunindo 82 homens. De acordo com o jornal A Ordem:

Diocese de Mossoró

Visita da Liga católica Jesus Maria José, de Areia Branca a Patú

Revestiu-se de excepcional brilhantismo, a visita da Liga Católica J. M. J. a Patú.

Por volta das 7 horas da manhã do dia 14 o povo se comprimia em massa no cais para assistir a partida. Oitenta e dois dos 110 liguistas seguem no horário de sábado em peregrinação àquela cidade. Entoando hinos de amor a Jesus e a Maria prosseguem os peregrinos. Às 8:30 chegavam ao termino da viagem. A chegada foram saudados por S. Excia. O Sr. Bispo Diocesano, ora naquela cidade, em visita pastoral. Agradeceu o Pe. Isnar Fernandes, Vigário de Areia Branca.

Domingo, 15, às 6:30 horas, oficiando S. Excia. Revm houve a imposição de insígnias aos 52 liguistas de Patú e a 18 de Areia Branca, e, em seguida, a Santa Missa acompanhada a cânticos pelos Liguistas, com comunhão geral de quase trezentos homens. No final o Sr Bispo, depois de congratular-se com todos e dirigir palavras de carinho e encorajamento, externou sua imensa satisfação, confessando: “faz muito tempo que não sinto alegria igual”. Foi acompanhado por todos os Liguistas, em alas, até a casa Paroquial, ao som de hinos sacros.

O santuário do Lima foi visitado pelos romeiros às 11:30. Todos trouxeram de lá o coração contrito e mais cheio de fé. Verdadeiramente, o Lima é um lugar de meditação. (A ORDEM, 1940, p. 1).

Com a presença dos padres Missionários da Sagrada Família, o Santuário do Lima tornava-se “um lugar de meditação” e recebia visitantes de toda a diocese. O texto elucidava os visitantes como peregrinos, guiados pelas autoridades eclesiais. A autoridade é o centro das atenções, com pregações que buscavam orientar as práticas religiosas dos peregrinos. Todavia, ao visitar o Lima, o termo usado passa a se romeiro. Era a permanência da experiência do espaço sacro visitado pelas camadas populares ao longo do ano. Espaço de devoção. Mas também espaço de renovação, com a casa dos padres da Sagrada Família. Essa ênfase na reforma

devocional continuou ao longo da década de 40 do século XX, galgando uma dimensão de espaço de resistência contra a expansão do comunismo.

A culminância dessa preocupação ocorreu com a realização de um conclave em Mossoró, reunindo as principais autoridades religiosas da Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte, na qual discutiu “os deveres dos cristãos no uso do direito político e de cidadania” e “as nobilitantes causas da bôa moral religiosa e do sadio patriotismo” (A ORDEM, 1945, p. 1). Em um contexto permeado pelas tensões políticas e presença de partidos de esquerda na arena político-partidária, a Igreja mostrava-se como opositora e vinculada a resistência. De acordo com o impresso, o “piedoso certame” contou com “o augusto patrocínio da excelsa Nossa senhora dos Impossíveis, padroeira do Santuário do Lima, no município de Patú, cuja Imagem sairá pela primeira vez de seu Altar para presidir em outra freguesia uma solenidade religiosa” (A ORDEM, 1945, p. 1).

A imagem de Nossa Senhora dos Impossíveis saía pela primeira vez do seu santuário para se tornar o elo da cristandade diocesana de Mossoró, unindo tradição e renovação na luta política, aglutinando leigos e clero em um só palco. Neste ensejo, o bispo de Mossoró, Dom João Batista Portocarrero Costa, “apresentou-a a todos o povo para juntar-se em redor de N. Senhora, sob o título dos impossíveis, para socorrer o auxílio desta terna Mãe celeste num tempo em que o vermelho comunismo ameaçava a civilização e nossa religião”. Além disso, segundo os desejos episcopais, a Serra do Lima deveria ser “para onde todas as paróquias deveriam romariar formadas pelo próprio Pároco ou Vigário” (A ORDEM, 1947, p. 2). A imagem tornava-se uma peregrina, com usos políticos para combater o que era tido como comunismo. No mês dedicado ao Rosário, a paróquias da Diocese de Mossoró realizaram uma romaria ao santuário:

Cada associação entrou no Santuário, separadamente, cantando o seu hino oficial. Com muita piedade e recolhimento, mais de cento e cinquenta pessoas assistiram o sacrifício da santa missa, para confortados da vítima eterna alcançar-mos as graças pela intercessão de N. S. dos Impossíveis (A ORDEM, 1947, p. 2).

O Santuário do Lima, além de ser o centro das romarias das camadas populares, também havia se tornado o dileto refúgio do clero e o epicentro das ações pastorais diocesanas. Todavia, a partir do final dos anos 60 do século XX, outra faceta passava a constituir o polissêmico espaço sagrado. A articulação entre o poder público estadual e os Missionários da Sagrada Família possibilitou a realização de importantes obras públicas, como a iluminação e a rede hidráulica, início da construção do novo templo, além de iniciar a divulgação do santuário como um atrativo turístico.

3 O Santuário do Lima e o turismo

Em 1948 o Santuário do Lima passou a ter como reitor o padre Henrique Spitz. Tratava-se de um sacerdote alemão que retomou as ações de reestruturação do centro de romaria, com a construção de uma nova estrada, de uma barragem na serra, da casa dos romeiros e da praça no entorno do santuário. Em 1958, no âmbito das celebrações do tricentenário do santuário, consolidou-se a ideia de construir um novo templo no intuito de melhor atender ao elevado número de romeiros. Todavia, esse projeto só foi retomado cinco anos depois, possivelmente em decorrência da ausência de recursos e da viagem do padre Spitz para o Crato.

Dia 9 de abril de 1963. Quarta-feira Santa. Na ermida Nossa Senhora dos Impossíveis da Serra do Lima, foi celebrada a última missa no antigo templo. Era a despedida da pequena capela que por três séculos guarneceu a devoção das camadas populares no sertão potiguar. Após as celebrações da Semana Santa, a ermida foi demolida para finalmente ter início a edificação do novo santuário.

O novo santuário teve como principal entusiasta o padre Spitz e foi projetado pelo arquiteto Alberto Reithler, que vivia em Recife. Tratava-se de um projeto ousado, na qual o tempo foi edificado em dois pavimentos, o que possibilitaria a celebração de missas concomitantes. Em estilo neo-concreto e com

inspiração na corrida espacial, o santuário foi projetado em formato de uma nave espacial. Seria o espaço capaz de transportar os devotos para o reino dos céus.

Figura 2: O novo Santuário do Lima em 1969



Fonte: Acervo Memorial do Santuário do Lima

O novo santuário foi inaugurado na romaria de primeiro de janeiro de 1969, reunindo um elevado número deromeiros, autoridades políticas e religiosas. Era a inauguração de uma nova fase das ações clericais no âmbito do santuário, com anseios que extrapolavam os limites diocesanos. Respaldado em um discurso que enaltecia a modernidade arquitetônica do novo santuário, o padre Henrique Spitz passou a buscar o reconhecimento da Santa Sé, com a solicitação para que o templo fosse elevado à condição de Basílica Menor, chegando a ter divulgação em impressos da cidade de Brasília.

Ainda neste contexto de busca reconhecimento do santuário pelas autoridades eclesiásticas, no dia 13 de maio de 1971, ocorreu uma imponente cerimônia de coroação da tricentenária imagem de Nossa Senhora dos Impossíveis. A celebração foi organizada pelas dioceses de Mossoró e Caicó. Todavia, essas ações empreendidas pelo padre Spitz coadunavam com as políticas públicas do Estado brasileiro no período da ditadura civil-militar, principalmente no âmbito da construção de roteiros turísticos no país. No caso do Rio Grande do Norte, essa projeção turística teve como um dos seus roteiros o Santuário do Lima, que paulatinamente, se tornou um canteiro de obras públicas.⁹

Se por um lado o padre Henrique Spitz buscava atribuir o santuário de títulos honoríficos oriundos do Vaticano; por outro, utilizou-se do discurso político atinente ao turismo para dotá-lo uma estrutura necessária para atender aos devotos. O Diário de Natal, do dia 3 de março de 1972, publicou uma matéria sobre a inauguração de um aeroporto em Patu e enfatizava as potencialidades de desenvolvimento de atividades turísticas no santuário.

O campo de pouso de Patu será inaugurado no dia dez de março (...). O campo de pouso tem por finalidade facilitar a visita de autoridades no médio e alto Oeste, bem como incrementar o turismo, já que o Santuário do Lima é um dos principais pontos de romarias e turismo da região e fica localizado no município de Patu.

A Serra do Lima em cuja chapada é construído todo um complexo religioso, tem motivado através de décadas romarias de milhares de peregrinos. Nos últimos tempos a estrada de acesso à serra está totalmente pavimentada, num trabalho dos sacerdotes alemães que tomam conta desse templo religioso (DIÁRIO DE NATAL, 1972, p. 2).

A construção do aeroporto de Patu teve como argumento central o “incremento do turismo no Santuário do Lima”. O principal entusiasta da proposta foi o deputado federal Francisco Rocha, que chegou a comprar um avião para o ato de inauguração. Além disso, enfatiza-se a atuação dos padres alemães como os responsáveis pela renovação do centro de romaria. Ao longo da década de 70 do

⁹ Em 1969 foi inaugurada a rede elétrica do santuário e em 1971 foi inaugurado um aeroporto.

século XX, a imprensa norte-rio-grandense tornou-se um importante espaço de divulgação do Santuário do Lima como atrativo turístico do estado. O centro de romaria se tornava o espaço capaz de aglutinar romeiros e turistas, com objetivos distintos, mas igualmente necessários para a manutenção do espaço. Quais seriam os romeiros e os turistas. No discurso publicado nos impressos, o romeiro permanecia sendo o visitando oriundo das camadas populares do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, que chegavam ao santuário, geralmente, em caminhões pau-de-arara, no intuito de pagar promessas. O turista seria o visitante de outros estados e países, que visitavam o lugar sagrado em busca de atrativo estético e repouso. A condição econômica também seria destoante, justificada pela construção de um campo de pouso.

Em 1973, o Diário de Natal publicou um texto de difusão do Santuário do Lima como espaço que atraía romeiros e turistas. Trata-se de uma escrita que revela os milagres da santa e as belezas da serra.

Em matéria de turismo, ou de romaria – em particular – o Rio Grande do Norte tem a apresentar mais um ponto quente: a Serra do Lima e seu Santuário, e agora também com seu moderno hotel. Além dos milagres de Nossa Senhora dos Impossíveis, existe um clima sadio, e a bela e repousante paisagem do município de Patu.

O movimento de visitação ao local atinge o auge no dia 21 de novembro, quando se comemora a festa da padroeira. Ciente do fato e procurando bons negócios, a agência de turismo de Natal (a Aerotur) já está organizando uma excursão à Serra a fim de facilitar a viagem a um dos mais importantes lugares do Estado (DIÁRIO DE NATAL, 1973, p. 2).

O texto é um atestado dos diferentes usos atribuídos ao espaço sagrado. Se ao longo dos anos trinta a ênfase era a construção da moradia dos padres e da casa dos romeiros, no novo contexto ressaltava-se a edificação de um moderno hotel com o propósito de abrigar os turistas. Quanto aos romeiros, a ênfase do texto recaía sobre os milagres atribuídos a Nossa Senhora dos Impossíveis.

São várias as notícias sobre milagres de Nossa Senhora dos Impossíveis. Como nas mais recentes, há o da mãe do Sr. Antônio Mousinho, de

Alexandria, que desenganada por médicos (ela teria sofrido de câncer), resolveu fazer uma promessa a Santa. Então saiu totalmente curada. O vereador Antônio Edilson, filho de Patu, que tinha uma ferida crônica na perna, conseguiu se curar por conta de orações. Há ainda o caso de William Domiciano, que quando criança queimou-se gravemente, tendo as queimaduras desaparecido devido as promessas feitas por seus pais. Contam que há tempos existia “em um serrote próximo ao Santuário, incrustado na pedra, o molde de um pé humano”. Diziam os crentes que aquele pé seria de Nossa Senhora. Começaram então as romarias, pois o pó retirado seria capaz de curar doenças. De repente, desapareceu o molde, mas ficou a lenda e a imponência do Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis. (DIÁRIO DE NATAL, 1973, p. 2).

Milagres, curas, sinais tangíveis da presença do sagrado compõem a assertiva que apresenta o santuário sob a ótica dos romeiros. Certamente, após a inauguração do novo santuário, a Serra do Lima passou a ser vista como um importante atrativo turístico do Rio Grande do Norte. Os religiosos criaram as condições básicas para o atendimento ao turista, como a estrada, a praça e o hotel. Por outro lado, o Estado edificou o suporte estrutural, com o campo de pouso, a rede elétrica, a barragem. Em dezembro de 1975, o Diário de Natal divulgou a notícia de que “ainda por todo este mês será instalado telefone no Santuário do Lima, por solicitação do vigário, dado a necessidade com as constantes romarias àquele local” (DIÁRIO DE NATAL, 1975, p. 2).

A inserção do Santuário do Lima como um espaço voltado para o turismo não implicou na ausência de atividades de cunho religioso. Pelo contrário, a inserção de uma nova funcionalidade para o espaço pode ser lida como a confluência de projetos e sujeitos distintos no âmbito do centro de romaria. Se por um lado é perceptível uma aproximação entre os padres Missionários da Sagrada Família e o poder público na junção de esforços para a urbanização do espaço do santuário, também é notório o distanciamento discurso entre os sujeitos. Enquanto o Estado financiava a divulgação do Lima para turistas, o clero continuava a enfatizar a necessidade de orientar os romeiros em suas práticas devocionais. Do mesmo modo, o santuário, com sua estrutura constituída pela casa dos padres da Sagrada Família e pelo hotel, continuava como espaço privilegiado para os retiros espirituais do clero. Em julho de 1975, ao noticiar o retorno do bispo coadjutor de

Mossoró, Dom José Freire de Oliveira, de uma viagem a Roma, o Diário de Natal informou que o mesmo iria “a Patu participar do retiro espiritual do clero no Santuário do Lima” (DIÁRIO DE NATAL, 1975, p. 2).

Contudo, essa fase de articulação entre as políticas públicas do estado do Rio Grande do Norte e o clero foi interrompida em 1979, com a morte do reitor do santuário, o padre Henrique Spitz. Com isso, teria início uma nova fase do santuário, respaldada na monumentalização da memória do padre Spitz, com a construção de um busto defronte ao templo e de um memorial. O próprio sepultamento do padre, no interior do santuário, cercado de devotos, já era um indício da construção de uma narrativa na qual o Santuário do Lima passava a estar atrelada ao “Padre do Lima”. Ao publicar a notícia da posse do novo reitor, o Diário de Natal expressou:

Patu – O santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, na Serra do Lima, um dos pontos de romaria e atração turística do Estado, no Alto Oeste, está sendo administrado pelo pe. Silvano Schoemberger, empossado em missa solene pelo provincial da Sagrada Família, pe. Herbert Stahl. O sacerdote substituiu ao alemão Henrique Spitz, falecido a alguns meses, em Recife, e sepultado nesta cidade (DIÁRIO DE NATAL, 1979, p. 20).

Sem a presença física do principal entusiasta do santuário, a divulgação da Serra do Lima como atrativo turístico reduziu consideravelmente. Eram novos tempos emergindo nas terras dos Impossíveis.

Considerações finais

O Santuário do Lima, em Patu, constituiu um importante centro de romaria do Rio Grande do Norte. Certamente, ao lado do novíssimo Santuário de Santa Rita em Santa Cruz, se trata do santuário norte-rio-grandense com melhor estrutura para atender romeiros, clero e turistas. A presença dos Missionários da Sagrada Família no Serra do Lima tornou possível a construção de projetos que visassem o

direcionamento das práticas devocionais dos romeiros para o âmbito da ortodoxia católica reformista. Esse pensamento de orientação das camadas populares foi mais atuante no período posterior a criação da Diocese de Mossoró, em 1936, com a realização de conclaves, retiros e peregrinações envolvendo movimentos das paróquias e até mesmo, a própria imagem de Nossa Senhora dos Impossíveis.

Todavia, a compreensão do santuário não pode ocorrer levando-se em consideração exclusivamente a relação dicotômica entre o clero e o romeiro. Ela também necessita elucidar uma dimensão diacrônica envolvendo os diferentes sujeitos envolvidos na trama, bem como os seus respectivos projetos atinentes à apropriação do espaço sagrado. Considerando esses aspectos, tornou-se possível entender o processo de modernização estrutural e discursivo do Santuário do Lima a partir da atuação dos Missionários da Sagrada Família, com relativo protagonismo do padre Henrique Spitz, em consonância com as ações do Estado, no momento pelo qual o turismo passava a ser visto como um instrumento de construção da conexão do país com o futuro no campo econômico.

Se, por um lado, é impossível não destacar os interesses políticos em voga, com a articulação de setores partidários com o clero, por outro lado, também não há como ignorar as ambições clericais no sentido de promover a difusão do santuário como atrativo, ou seja, ampliando o leque de atuação do santuário. Não podemos esquecer que no momento o turismo se tornava um fenômeno tido como irreversível, no Brasil, outras experiências católicas também se pautavam no fomento ao turismo religioso, com a edificação de templos gigantescos como o Santuário Nacional de Aparecida. Em tempos nos quais se buscavam pisar na lua, em Patu, no Rio Grande do Norte, construiu-se a nave que levaria aos céus.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e turismo: notas sobre deambulações religiosas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003. p. 53-68.

AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de; NUNES, Edson de Araújo. Devoção e cura no conjunto religioso do Monte do Galo. **Religare: Revista de Ciências da Religião**, Carnaúba dos Dantas, v. 6, p. 23-38, 2009.

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Novos espaços de sensibilidade como fontes da história local: cemitérios, locais de devoção, bens imateriais laicos e religiosos. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da (Org.). **Reflexões sobre a história local e a produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2015. p. 141-186.

A ORDEM. Ecos da posse de D. Jayme. **A Ordem**. Natal, ano 1, n. 228, 1º de maio de 1936, p. 1.

A ORDEM. Festa de Nossa Senhora dos Impossíveis. **A Ordem**. Natal, ano 1, n. 375, 7 nov. 1936, p. 2.

A ORDEM. Diocese de Mossoró. **A Ordem**. Natal, ano 6, n. 1502, 27 set. 1940, p. 2.

A ORDEM. Uma ligeira palestra com o padre Frederico Pastors. **A Ordem**. Natal, ano 2, n. 507, 23 abr. 1937, p. 1.

A ORDEM. Concentração cívico-religiosa de Mossoró. **A Ordem**, Natal, ano 10, n. 2943, 27 set. 1945, p. 1.

A ORDEM. Novidades na Serra do Lima. **A Ordem**, Natal, ano 12, n. 3564, 10 nov. 1947, p. 2.

ARAÚJO, Magna Rafaela Gomes de. **A cidade como altar: discursos, templo e a festa de Nossa Senhora da Apresentação na produção da identidade para a cidade do Natal, 1910-1939**. Natal, 2016. 179f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soethe. Campinas: UNICAMP, 2011.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Dossiê do IPHAN – Festa de Sant’Ana**. Brasília: IPHAN, 2010.

CASCUDO, Câmara. Os padres da Ribeira. **Acta Diurna**, Natal, n. 4, 10 jun. 1947, p. 1.

DANTAS, Maria de Fátima Medeiros. **Romaria, festa e turismo:** relação entre nativos e romeiros na festa de Nossa Senhora das Vitórias em Carnaúba dos Dantas (Rio Grande do Norte). Natal, 2015. 145f. Dissertação (Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

DANTAS, Maria Isabel. **Do monte à rua:** cenas da festa de Nossa Senhora das Vitórias. Natal: IFRN, 2008.

DIÁRIO DE BRASÍLIA. Santuário de Patu pode ser Basílica. **Diário de Brasília**, Brasília, 27 dez. 1971, p. 3.

DIÁRIO DE NATAL. Aeroporto de Patu terá inauguração. **Diário de Natal**, Natal, ano 32, n. 9499, 3 mar. 1972, p. 2.

DIÁRIO DE NATAL. Serra do Lima atrai romeiros e turistas. **Diário de Natal**, Natal, ano 33, n. 9504, 11 set. 1973, p. 2.

DIÁRIO DE NATAL. Patu. **Diário de Natal**, Natal, ano 36, n. 9959, 17 dez. 1975, p. 2.

DIÁRIO DE NATAL. Posse de D. José Frei ainda não está definida. **Diário de Natal**, Natal, ano 35, n. 9844, 18 jul. 1975, p. 2.

DIÁRIO DE NATAL. Santuário do Lima está com novo administrador. **Diário de Natal**, Natal, ano 39, n. 19774, 21 jun. 1979, p. 20.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARIAS, Mayara Ferreira de. **Turismo religioso na cidade da Santa:** percepção da comunidade sobre a construção do complexo turístico e religioso alto de Santa Rita, Santa Cruz/RN. Natal, 2013. 119f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FORTE, Márlio. **Reformas do Santuário do Lima.** Disponível em: <<http://www.santuariodolima.com.br/2011/06/projetos-de-reforma-di-santario-do-lima.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos centros paulistas de função religiosa.** São Paulo: EDUSP, 1975. v. 1.

FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos centros paulistas de função religiosa.** São Paulo: EDUSP, 1975. v. 2.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. **Memória, ritos funerários e canonizações em dois cemitérios no Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro, 2006. 233f. Tese (Antropologia Cultural). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GENNEP, Arnold von. **Os ritos de passagem:** estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, LÍLIAN ALVES. **A peregrinação das coisas:** trajetórias de imagens de santos, ex-votos e outros objetos de devoção. Rio de Janeiro, 2017. 302f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LIBERDADE. Romaria d'um Hércules. **Liberdade:** jornal político e noticioso. Natal, n. 25, 11 out. 1888, p. 3.

LIMA JÚNIOR, BIANOR FRANCISCO DE. O sagrado e o profano na religiosidade popular: a festa de Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Touros/RN. **Revista do UNI-RN.** Natal, v. 10, n. 1-2, p. 169-191, 2011.

MOURA, TEREZINHA DE JESUS. **Formação histórica de Patu/RN:** o fenômeno das romarias. 2000. 61f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

OTTO, RUDOLF. **O Sagrado.** Trad. Walter Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PATRIOTA; NILSON. **Touros, uma cidade do Brasil.** Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000.

PEREIRA, CARLOS EDUARDO DE BRITO. **De volta para os braços da rainha dos céus:** migração, memória e festa em Caicó. 2011. 131f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

ROMÃO JÚNIOR, MANOEL CÍCERO. **Políticas públicas para o turismo e desenvolvimento local:** reflexões a partir de “caminhos de fé” no semi-árido potiguar. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ROSENDAHL, ZENY. **Hierópolis:** o sagrado e o urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SANCHIS, PIERRE. **Arraial:** festa de um povo, as romarias portuguesas. Trad. Madalena Mendes de Matos. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, MAGNO FRANCISCO DE JESUS. **O prefácio dos tempos:** caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX). 2015. 320f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Polissemias do patrimônio: políticas públicas estaduais no registro das festas católicas (Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte). **Revista Memória em rede**, Pelotas, v. 9, n. 16, p. 43-67, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Só aqui no Icó nós temos, uma festa bonita assim: sacralização do espaço e da memória na festa do Senhor do Bonfim de Icó/CE. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, ano 10, n. 30, p. 259-284, 2018.

SILVA, Albery Lúcio da. **Com quantas ave-Marias se faz uma santa?** Relicário de vozes sobre a Santa Menina. 2010. 85f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SILVA, Irene de Araújo van den Berg. **As covinhas:** práticas, conflitos e mudanças em um santuário popular. 2010. 241f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SILVA, José Luiz. Caicó em boas mãos. **O Poti**. Natal, Suplemento, n. 31, 29 jul. 1984, p. 27.

SILVINO, Marluce. **Ilha de Santana e Alto de Santa Rita:** a produção do espaço a partir do turismo em Caicó e Santa Cruz –RN. 2012. 122f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.